

*Divida
externa*

Agora, os credores particulares.

JORNAL DA TARDE

08 AGO 1990

Os 30 maiores credores particulares do Brasil — que detêm US\$ 33,564 bilhões da dívida registrada de US\$ 99,285 bilhões — estão sendo convidados para encontros com o principal negociador brasileiro da dívida, o embaixador Jório Dauster. O objetivo desses encontros é permitir ao governo brasileiro colher sugestões de propostas para a redução da dívida externa.

Começa, assim, uma nova etapa do entendimento entre o governo brasileiro e os credores externos. Precedida, conforme se noticiou, de cuidadosa articulação por parte do embaixador Dauster no sentido de evitar que o convite caísse no vazio, essa etapa ocorre num momento particularmente favorável para o Brasil. Como se sabe, desde a semana passada o Brasil negocia com o Fundo Monetário Internacional (FMI) as bases para um acordo que, além de assegurar novos empréstimos ao País, significará a concessão ao programa de ajuste da economia brasileira do aval indispensável para que se iniciem as conversações com os bancos particulares.

O cronograma de negociação tem sido repetido seguidamente tanto pela ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, como pelo negociador oficial Jório Dauster. Primeiro, o Brasil quer chegar a um acordo com o FMI. Em seguida, pretende retomar as negociações com o Clube de Paris (credores oficiais), para então negociar com os bancos particulares. Mas, como a ministra antecipara durante sua viagem à Europa, no mês passado, “nada impede que possamos conversar com os bancos (antes do início oficial das negociações), ouvir seus pontos de vista e apresentar-lhes os pontos centrais de nossas posições”.

É exatamente isso que Dauster pretende fazer. Há, no entanto, uma mudança substancial em relação à forma como os governantes anteriores negociam a divi-

da: os bancos estão sendo convidados a se manifestar isoladamente e não mais de forma coordenada, por intermédio do comitê de assessoramento integrado por 14 dos principais credores. Da parte do governo brasileiro existe a clara intenção de, pelo menos por enquanto, não caracterizar um rompimento com o comitê de assessoramento. Em Londres, há três semanas, a ministra Zélia Cardoso de Mello justificou os encontros individuais como “uma atitude que facilita o encontro de soluções mutuamente vantajosas”. Na segunda-feira, ao anunciar a expedição dos convites aos maiores credores, Dauster disse que a tentativa de abrir esse novo canal não significa o descarte definitivo do comitê de assessoramento dos bancos.

Resta saber como os credores reagirão. O negociador brasileiro está certo de que seu convite será aceito pela maioria dos 30 principais credores. O representante de um deles no Brasil confirmou que o convite de Dauster terá resposta positiva, mas defendeu a tese de que o comitê de assessoramento é o verdadeiro representante dos bancos.

A questão mais importante da negociação, entretanto, quando ela efetivamente começar, deverá ser a medida da redução da dívida. “Todo o esforço de ajustamento só se consolidará se houver uma efetiva redução do estoque da dívida externa”, afirmou o secretário de Política Econômica do Ministério da Economia, Antônio Kandir, depois de se encontrar com o subsecretário do Tesouro dos EUA, David Mulford, e o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, no mês passado, em Washington. John Reed, presidente do maior credor particular do Brasil (Citicorp/Citibank), observou há dias que o Brasil deve buscar um acordo em que as duas partes ganhem. Só assim, de fato, a dívida deixará de ser preocupação, seja para os credores, seja para o Brasil.